



“Harmonia Subtil”

Obra única | 2023

Artista: Ana Filipa Dias Manaça

Técnica: Pintura a acrílico

Dimensões: 0.50m/0.7m

Suporte: Tela

Estilo & Linguagem: Arte poética contemporânea (Obras que privilegiam subtileza, sugestão e narrativa sensível)

Paleta cromática dominante: Cores neutras em escalas de degradé de cinzas vibrantes

Estado de conservação: Excelente

Assinatura: na frente

Disponibilidade: Disponível

No coração de um mundo quase sem cor, uma árvore ergue-se como um pilar antigo de energia: nua, quieta, inteira na sua essência. A sua forma lembra um canal aberto entre a terra e o céu, um eixo por onde a vida continua a circular, mesmo quando tudo parece suspenso. À sua volta, o branco e o cinza confundem-se – pode ser neve, pode ser cinza – e essa indefinição não é erro: é espelho do estado da alma quando atravessa um processo de limpeza profunda. Há momentos em que o ser não precisa compreender; apenas sentir. Sentir o inverno interior, o silêncio depois da queda, o espaço vazio onde algo antigo se dissolve. A pintura revela, com subtileza, um princípio essencial do Reiki: a sombra só existe porque a luz está presente. Os raios que se estendem pelo chão, a partir do tronco, assemelham-se a fluxos de energia vital que encontram caminho mesmo em terrenos áridos. São linhas de consciência que recordam que aquilo que chamamos “escuridão” é, muitas vezes, apenas uma percepção limitada do movimento da cura. A árvore, mesmo despida de folhas, não representa fim, mas enraizamento. É raiz desperta, memória viva da força que permanece quando tudo o supérfluo cai.

Nesta paisagem, a energia não força, não invade, flui. No Reiki, a cura acontece assim: em silêncio, com respeito, acompanhando o ritmo da alma. O que parecia destruição revela-se purificação; o que parecia vazio transforma-se em espaço para a luz voltar a habitar. A sombra deixa de ser ameaça e torna-se sinal de alinhamento, prova de que a luz nunca cessou o seu toque.

A obra permanece como um convite sereno à presença. Um chamado suave para parar, respirar e permitir que a energia vital faça o seu trabalho. Até que, sem esforço, o coração se recorde de onde a luz entra – e reconheça que ela sempre esteve lá.

Ana Filipa Manaça
ARTISTA PLÁSTICA